Extracto do Fascículo 1-4 do Vol. XXVI
dos
Trabalhos de Antropologia e Etnologia

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

A Cultura de El Argar

POR
Maria de Jesus Sanches
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto

PORTO
1 9 8 6

A Cultura de El Argar

O texto que se segue corresponde a um resumo da comunicação apresentada pela signatária à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na sessão científica de 14 de Março de 1986.

Intitulada «A Cultura de El Argar», esta comunicação surgiu na sequência de uma viagem que fizemos ao SE de Espanha — área clássica da Cultura de El Argar —, região onde tivemos oportunidade de visitar, além do povoado de Cerro de la Encina *(Monachil, Granada), povoado fortificado com* ocupação argárica, *em curso de estudo pelo Departamento de Pré-história da Universidade de Granada, os Museus de Granada e Almeria, ricos em espólio desta* Cultura.

Este texto, embora originalmente publicado numa ficha extra-texto da revista «Arqueologia» (n.º 14, Dez.º de 1986), figura também neste vol. dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» pois a comunicação que esteve na sua origem foi intencionalmente preparada para ser apresentada aos sócios da SPAE, aos quais dirigimos este resumo.

Esta Cultura tem sido considerada por vários arqueólogos como a mais importante manifestação económico-social da Idade do Bronze da Península Ibérica, senão mesmo da Europa Ocidental. A denominação deriva da estação epónima, El Argar — um povoado fortificado que inclui, intramuros, uma importante necrópole de inumação individual ou dupla (são cerca de 1000 sepulturas em cista, fossa ou urna de barro) —, situada num cabeço amesetado que se eleva da margem esquerda do rio Antas, a escassos Kms do Mediterrâneo, na província de Almeria (SE de Espanha).

Os pioneiros da escavação do complexo de El Argar (ou mais propriamente da necrópole, pois o povoado já estava semi-destruído) foram os eng.os belgas Henri e Louis Siret que, nos finais do séc. XIX, surpreenderam o meio arqueológico com a publicação de 2 obras (Siret, H. e L. Siret, 1890) onde expunham, detalhadamente, o resultado das suas pesquisas em necrópoles do NE de Almeria e S. de Murcia (região «clássica» de *El Argar*) e, particularmente na de El Argar. Nestas necrópoles havia sido exumado um rico espólio cerâmico e metálico (armas de cobre arsenical — punhais, alabardas, machados —, e objectos de adorno de prata ou ouro — diademas, pulseiras, anéis) sem paralelo com qualquer outro peninsular. A *Cultura de El Argar* foi apontada então como a 1.ª sociedade pré-histórica da Península Ibérica,

fortemente militarizada (implantação de povoados muralhados em cabeços), socialmente estratificada e cuja economia se ligaria primacialmente à exploração, fabrico e comercialização de objectos metálicos. E, por se diferenciar das restantes culturas da Península Ibérica (ao nível do espólio, da implantação e organização urbanística dos povoados e do próprio ritual de enterramento) a sua origem era atribuída à chegada de povoadores/prospectores de metal vindos do Oriente — essencialmente Egeu e Anatólia — e/ou Europa Central. Assim, até meados do séc. XIX, esta cultura, tal como era definida cronológica e culturalmente na altura, era usada sistematicamente como marco definidor da I. do Bronze num alargado número de regiões da Península Ibérica onde a ausência de escavações locais permitia esta artificial integração num quadro cronológico e, por vezes, num modelo sócio-económico que, num grande número de casos lhes era totalmente estranho, tal como veio provar a investigação mais recente.

Nas últimas décadas a *Cultura de El Argar* tem vindo a ser definida a diversos níveis.

Geograficamente ocupa, no SE da Península Ibérica, as províncias de Almeria, Murcia, Granada e, parcialmente, as de Alicante, Jaén e Ciudad Real, sendo consideradas as duas 1.as como *região clássica de El Argar* ou foco originário pois é aí que, por um lado se situam as estações mais antigas — início do II mil. a.C.— e, por outro, onde a cerâmica doméstica menos se diferencia da sepulcral ou ritual, ao contrário do que acontece noutras províncias vizinhas, caso por ex. de Purullena, em Granada (Schubart e Arteaga, 1983).

O seu foco originário coincide assim, no SE, com a área de florescimento da antecedente cultura calcolítica de Los Millares.

Ainda um dos objectivos prioritários no estudo da *Cultura de El Argar* tem sido o da sua definição como sistema sócio-económico e cultural com um desenvolvimento próprio, o que implica, primeiramente, um aturado trabalho de campo. Este é um dos problemas fundamentais no estudo de *El Argar* pois, das cerca de 160 jazidas identificadas, só em 10 foram feitas escavações sistemáticas. Daí que a maioria dos estudos que têm vindo a ser feitos se debrucem essencialmente sobre a tipologia das necrópoles e do espólio funerário, proveniente de escavações antigas (feitas pelos Siret essencialmente), para daí inferir uma cronologia e um desenvolvimento económico-social.

Aproximam-se, nas suas conclusões, 3 investigadores: B. Blance (1971), Schubart (1973, 75 e 79) e Ruiz Gálvez (1979), ao proporem para *El Argar* um desenvolvimento, em 2 fases ou 2 *horizontes* arqueológicos com cronologias distintas e cultura material diferenciada: uma *fase* A (1800-1500 a.C.), uma *fase* B (1500-1300 a.C. aprox.), uma *fase de transição* A/B e uma *fase* de declínio, tardia — esta a *fase* C de Schubart —, com início, aprox. em 1300 a.C.

A *fase* A seria caracterizada, no ritual de enterramento, pelo uso exclusivo de cistas e fossas e por materiais arqueológicos provenientes do «movimento de refluxo» campaniforme: alabardas tipo El Argar, pequenos punhais triangulares de cabo com rebites, botões de osso com perfuração em v, braçais de arqueiro, objectos de ouro e vasos bicónicos de bordo reentrante.

Na *fase* B dominam as urnas e os materiais arqueológicos serão de tradição diferente dos anteriores, provavelmente mediterrânica: punhais estreitos, machados planos, espadas, adornos de prata (com diademas), alabardas tipo Montejícar e vasos cerâmicos de pé, em forma de taça.

Apesar de Schubart recentemente (1983) e partindo da análise estratigráfica de Fuente Alamo, da tipologia dos materiais presentes no povoado e necrópole e de datações absolutas, confirmar genericamente esta distinção em *2 fases* (embora afirme que há transformaçeõs mas também continuidade entre ambas), Vicente Lull (1983), ao reclassificar todos os materiais conhecidos conclui que aquela distinção é essencialmente empírica. O mesmo infere da sua análise (onde se inclui a associação: tipo de enterramento/material funerário/unidade de habitação) e algumas datas absolutas, que a *Cultura de El Argar* tem uma origem local, calcolítica e ao seu *período de formação* (1900-1800 a.C.) ter-se-ia seguido um *de apogeu* (1700-1500 a.C.) (este integra uma *fase de expansão* entre 1560 e 1500 a.C.) e um *período de decadência* (1400-1300 a.C.). Entre 1500 e 1440 a.C. dar-se-ia uma verdadeira implementação da diferenciação social.

Quanto à origem desta Cultura, é hoje quase comummente aceite que a mesma se gerou no SE, a partir de populações calcolíticas locais (similitudes no material arqueológico e nalguns aspectos do ritual) embora se aceitem relações comerciais com outras populações do Mediterrâneo central e oriental, a partir essencialmente de 1500 a.C. (Schubart, 1983).

Dividem-se no entanto as opiniões quanto à identificação do elemento dinamizador da sociedade argárica que levou por um lado a *uma nova estratégia de povoamento* — povoados muralhados e implantados em pequenas elevações, geralmente escarpadas, dominando zonas de passagem entre os vales ou veigas mais baixas e a montanha, disfrutando de grande visibilidade e dominando, num grande número de casos, ricas terras de aproveitamento agrícola e pecuário; *à modificação do padrão urbanístico* — as casas, geralmente rectangulares, situam-se no topo do monte ou distribuem-se pelas encostas abruptas onde se alinham horizontalmente sobre estreitas plataformas artificialmente construídas; e *do ritual funerário* — as sepulturas de inumação, agora individual (dupla ou mais raramente tripla), situam-se intramuros e o espólio que acompanha alguns defuntos acusa o desenvolvimento de uma estratificação social, esta comprovada ainda pelo aparecimento, por volta de 1550 a.C. das 1.as sepulturas infantis contendo ricos objectos indicadores de prestígio.

Segundo alguns autores (como Shubart e Lull) teria sido a abundância de minerais de cobre e prata no SE e o consequente desenvolvimento da metalurgia local, inicialmente doméstica mas progressivamente mais especializada, o desenvolvimento do comércio metalúrgico e de outros bens de consumo e o consequente controlo das rotas mineiras e comerciais, que teria conduzido à emergência de uma hierarquia planificadora de acções económicas e sociais que atingiriam agora uma nova dimensão.

Ainda segundo Shubart, a maioria de povoados de *El Argar* situam-se em zonas de passagem ou acesso do vale à montanha, rica em minério, e dominam, por vezes, alargadas zonas mais baixas em contacto com o litoral.

Além disso, nestes povoados parece haver uma disposição nuclearizada, com interrelação ou mesmo hierarquia nos habitats de cada núcleo, pois nota-se, num grande número deles, uma especialização económica (agricultura em El Ofício, exploração do minério em Fuente Alamo, e, em El Argar, agricultura, transformação e comercialização do metal). Talvez haja até domínio político por parte de alguns, se atendermos à monumentalidade de certas fortificações em detrimento doutras (Lull, 1983).

O modelo explicativo de Gilman e Thornes (1985) põe a tónica no crescente desenvolvimento de uma agricultura intensiva e largamente irrigada no SE (os mesmos

consideram os objectos metálicos unicamente como elemento de prestígio e não geradores, pela sua especificidade, de hierarquias) imprescindível para a subsistência de tais grupos humanos numa região que, no III e II mil. a.C., teria um clima quase tão árido como o actual.

Esta intensificação exigiria uma organização técnico-administrativa que orientasse a aquisição e conservação, pela irrigação e outros trabalhos, de novas terras agrícolas e que defendesse a comunidade, agora com largos excedentes, da cobiça externa.

No entanto, baseados em estudos do paleo-ambiente na província de Granada, outros arqueólogos rejeitam esta explicação e insistem que, naquele período o clima seria mais húmido que o actual e as espécies de bosque atingiriam, nalguns casos, o povoado (Molina, 1983).

Por volta de 1400-1300 a.C. a *Cultura de El Argar* como sistema económico e cultural degrada-se e dá lugar a culturas baseadas noutro tipo de especialização económica que não o metal. Entre as causas apontadas para o seu declínio é de referir a substituição dos objectos de cobre arsenical pelos de bronze, mais resistentes, e a progressiva degradação (desertificação) do meio ambiente (Molina, 1983).

BIBLIOGRAFIA

B. BLANCE, The Argaric Bronze Age in Iberia, *Rev. Guimarães,* 1964.

——, Die Anfäng der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel, *S.A.M.*, 4, Berlin, 1974.

Antonio GUILMAN e John B. THORNES, *Land-Use and Prehistory in South-East Spain*, Ed. George Allen e Unwin, London, 1975.

Vincent LULL, *«La Cultura de El Argar» (Un modelo para el estudio de las formaciones economico-sociales prehistoricas)*, Ed. Akal, Madrid, 1983.

Fernando MOLINA, 1.ª parte — «Prehistoria» — de *Historia de Granada-1, De las Primeiras Culturas Al Islam,* Ed. Don Quijote, 1983.

Marisa RUIZ GÁLVEZ-PRIEGO, Nueva aportación al conocimiento de la Cultura de El Argar, *Trab. de Prehistoria,* n.º 34, 1977.

——, Reflexiones terminologicas en torno a la Edad del Bronce Peninsular, *Trab. de Prehistoria,* n.º 41, 1984.

Henri e Louis SIRET, *Las Primeiras Edades del Metal en el Sudeste de España,* Texto e Album, Barcelona, 1890.

Hermanfried SCHUBART, Relaciones Mediterránicas de la Cultura de El Algar, *Zephyrus,* XXVI-XXVII, pp. 331-342.

——, Cronología relativa de la cerámica sepulcral en la Cultura de El Argar, *Trab. de Prehistoria,* n.º 32, 1975.

Hermanfried SCHUBART e Oswaldo ARTEGA, Fuente Alamo e la Cultura de El Argar, *Rev. Arqueología,* ano 4.º, n.º 24, 25 e 26, Madrid, 1983.

Francisco de la TORRE PEÑA, Estudio de las sequências estratigraficas de la Cultura de El Argar en la província de Granada, *Cuad. de Prehistoria de la Univ. de Granada,* n. 3, 1987.